

AS ESTATÍSTICAS DE FUTEBOL COMO FONTE DE PESQUISA: O CASO DO “CIRCUITO CLUBÍSTICO” BELO-HORIZONTINO

Marcus Vinícius Costa Lage¹

Resumo: As estatísticas de futebol são amplamente disseminadas, acessadas e comentadas entre os militantes e os apaixonados dessa modalidade esportiva no Brasil. Apesar disso, o seu uso ainda permanece pouco difundido pelas pesquisas sobre futebol no âmbito das Ciências Humanas e, particularmente, da História. Esse artigo nasce, assim, do reconhecimento de que é preciso problematizar algumas das potencialidades, e também certos limites, em se utilizar essas estatísticas como fonte para se escrever as Histórias do Futebol no país. Para tanto, demonstrar-se-á como essas informações possibilitam, dentre outras questões, traçar a história dos “circuitos das disputas futebolísticas” brasileiras, evidenciando, sobretudo, a distribuição hierárquica dos “clubismos” em Belo Horizonte.

Palavras-chave: estatísticas de futebol; clubismo; “circuito das disputas futebolísticas”.

Football statistics as a research source: the case of belo-horizontino’s “club circuit”

Abstract: Football statistics are widely disseminated, accessed and commented on among the militants and those in love with the sport in Brazil. Nevertheless, their use still remains limited by the research on football in the context of Human Sciences and, particularly, History. This article thus emerges from the recognition that it is necessary to problematize some of the potentialities, and also certain limits, in using these statistics as a source to write the country’s History of Football. Therefore, it will be shown how such information makes it possible, among other questions, to trace the history of the Brazilian “circuits of football disputes”, evidencing, above all, the hierarchical distribution of “clubismos” (factionalism = facciosismo) in Belo Horizonte.

Keywords: football statistics; club; “circuit of football disputes”.

Apresentação

O termo “estatística” não tem uma definição, digamos, muito precisa no meio futebolístico. Muito provavelmente, a mais conhecida delas seja a que considera “estatística” como sinônimo de *scouts*, um tipo de registro numérico dos vários acontecimentos de um jogo de futebol, como, por exemplo: o percentual de bola rolando e de bola parada; o percentual de posse de bola de cada equipe; o total de faltas marcadas, de escanteios cobrados, de passes certos e errados, de impedimentos assinalados, de cartões amarelos e vermelhos distribuídos etc.. No caso dos jogos televisionados, radiodifundidos ou descritos digitalmente pelos *placares on-line*, esses *scouts* costumam ser apresentados ao longo da partida, principalmente no seu intervalo, ou ainda nas horas e dias subsequentes à sua realização, como forma de subsidiar as análises dos comentaristas esportivos a respeito do confronto, o entendimento

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (Belo Horizonte, Brasil). E-mail: mvclage@gmail.com.

da partida por parte dos torcedores e as estratégias adotadas pelos profissionais – técnicos, auxiliares técnicos, preparadores físicos, fisioterapeutas etc. – no calor da disputa ou nos treinamentos que deverão ser realizados dali em diante.

Além desse tipo de informação, não é raro encontrarmos outro conjunto de dados relacionados ao futebol também sob o nome de “estatística”. Mas, ao contrário dos *scouts*, esse segundo tipo de informação costuma ser utilizado antes que os jogos sejam realizados, como acontece, por exemplo, nos “pré-jogos”, programas exibidos pela imprensa esportiva horas antes de ser dado o pontapé inicial da partida que será transmitida. É que além de noticiarem a chegada das torcidas e das delegações aos estádios, os preparativos das equipes durante a semana, a atual situação dos clubes na competição e mais uma infinidade de informações – e de especulações – típicas da “falação esportiva” (ECO, 1984), esses “pré-jogos” comumente também apresentam graficamente uma série de números de jogos progressos envolvendo os clubes que logo mais se debaterão. Números que abarcam aspectos mais gerais do confronto, como por exemplo: quantos jogos as equipes que se enfrentarão já disputaram ao longo de suas existências; qual delas mais ganhou e qual delas mais perdeu; quantos empates já aconteceram entre elas; quantos gols cada uma delas sofreu e converteu etc.. Em algumas ocasiões esses dados também são apresentados com alto grau de detalhamento, do tipo: em quantas oportunidades essas mesmas equipes se enfrentaram nesse mesmo estádio e/ou nesse mesmo campeonato; quantas vezes os jogadores A e B, ou os treinadores X e Y já se enfrentaram, e qual deles mais ganhou e perdeu; quando e em qual circunstância a equipe Z passou a ser a maior vencedora ou perdedora nesse confronto histórico etc..

Possivelmente, uma das explicações mais plausíveis da relevância das estatísticas para os esportes reside no fato de que boa parte das modalidades esportivas que hoje conhecemos tenha sido uma invenção histórica moderna, mais precisamente da sociedade liberal-capitalista hegemônica na modernidade, cujos primeiros passos foram dados na Europa ocidental e, em particular, na península britânica. Refletindo, portanto, o ideário dessa sociedade, ainda no século XIX os esportes, como atividade pública espetacular, passaram a ser associados às “imagens de desafio, superação, higiene, saúde.” (MELO; et al., 2013, p. 26) Nesse sentido, “os resultados esportivos passaram a ser apresentados como parâmetros de sucesso” (MELO; et al., 2013, p. 26), e “a vitória, e não a participação, [tornou-se] o valor supremo da competição esportiva, isso porque à vitória estão associados o reconhecimento social, o dinheiro e o desejo da permanência” (RÚBIO, 2006, p. 87), dimensões igualmente valorizadas pelo capitalismo. Por isso, o “recorde (do inglês *record*, registro)” (SILVA; RÚBIO, 2003, p. 70) das competições esportivas, uma maneira racional e científica de materializar, preservar e exibir as melhores marcas, os melhores competidores, enfim, os “feitos esportivos”, teria adquirido, nesse mesmo contexto e paralelo ao desenvolvimento de novos artefatos tecnológico de mensuração (MELO; et al., 2013, p. 26), uma “importância

excepcional” (SILVA; RÚBIO, 2003, p. 70). De modo que “[n]ão seria equivocado [...] dizer que no campo esportivo, desde cedo, se valorizou uma certa visão de história.” (MELO; et al., 2013, p. 26)

Não por coincidência, desde os primeiros momentos de bola rolando no Brasil, algumas publicações impressas e, mais recentemente, diversos endereços eletrônicos hospedados na rede mundial de computadores se dedicaram a preservar e contar a história não acadêmica do futebol brasileiro e, principalmente, de seus clubes através da compilação de informações técnicas de jogos já realizados e da produção de diversas estatísticas relacionadas a esses jogos. Como os casos do *site Futebol80*², um dos principais arquivos de jogos de clubes brasileiros hospedados na *internet*, e da plataforma *The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation. Brasil* (RSSSF Brasil)³, que contém, dentre outras informações estatísticas sobre o futebol, alguns dados relativos aos campeonatos organizados pelas diferentes entidades que geriram os esportes em Minas Gerais e no Brasil ao longo dos anos, mais popularmente conhecidos como Campeonato Mineiro e Campeonato Brasileiro, respectivamente.⁴

O *Futebol80*, desenvolvido pelo jornalista Chico Nepomuceno, disponibiliza um conjunto considerável de informações técnicas de jogos realizados por diversos clubes brasileiros, sendo mais de 15 mil jogos apenas para os clubes belo-horizontinos América, Atlético e Cruzeiro. Através desse trabalho, seu autor elaborou uma concisa monografia, defendida como pré-requisito para obtenção do título de especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte, que, à semelhança do que fizeram outros jornalistas⁵, sustenta a “importância das estatísticas no resgate da história” do futebol brasileiro. (Cf. NEPOMUCENO, 2012) Já a RSSSF Brasil, produzida como uma espécie de plataforma virtual colaborativa, tem como seu “carro-chefe” a divulgação das tabelas e dos respectivos jogos de competições de futebol realizadas no país, divididos, grosso modo⁶, em: *Torneios em andamento*, composto pelas competições em disputa na atual temporada; e *Resultados históricos*, que agrega boa parte das competições nacionais, interestaduais, amistosas e estaduais já disputadas e coletadas por algum colaborador da página. Não raras vezes, seus principais colaboradores também produziram trabalhos acadêmicos sobre suas pesquisas estatísticas, como o caso de Marcelo Leme de Arruda (2000), mantenedor do *site Chance de gol*

² Disponível em: <futebol80.com.br>. Acesso em: 28 mar. 2018.

³ Disponível em: <rsssfbrazil.com>. Acesso em: 28 mar. 2018.

⁴ Além desses sites, poderia ainda citar outros não menos conhecidos, como o Chance de Gol (chancedegol.com.br), o *Footstats* (meu.footstats.net) e o *Gol* (ogol.com.br), por exemplo.

⁵ Exemplo nesse sentido, são as publicações de Roberto Assaf e Clóvis Martins sobre os jogos de futebol dos clubes do Rio de Janeiro. Cf. ASSAF; MARTINS, 1997.

⁶ Reforço que essa é uma simplificação das informações disponíveis pela RSSSF Brasil que, logo em sua página inicial, conta com onze *links* de seções, sendo eles: Quem somos nós; Torneios em Andamento; Resultados Históricos; Seleção Brasileira; Competições Internacionais; Diversos; Adições Recentes; Livros sobre Futebol; Lista Aberta de Discussões; RSSSF Search Engines; Links.

(chancedegol.com.br) e sua dissertação sobre as “previsões probabilísticas de resultados de jogos de futebol”.

Mas, como esses trabalhos poderiam ser utilizados pelas pesquisas sobre futebol no âmbito das Ciências Humanas e, particularmente, da História? Sem esgotar as possibilidades que esse exercício metodológico apresenta, na seção que segue tentarei responder essa questão apresentando, brevemente, como parte das informações sistematizadas por esses trabalhos, popularmente chamadas de “estatísticas de futebol”, podem servir, dentre outras análises, para traçar o percurso histórico do “circuito futebolístico” belo-horizontino, noção cunhada por Arlei Damo (2014)⁷, um dos poucos pesquisadores do futebol brasileiro que até o momento se ocupou desse tipo de informação.

O “circuito clubístico” como possível explicação das disparidades entre os clubes de futebol de Belo Horizonte

Como deve ser de conhecimento geral, ou ao menos de conhecimento daqueles envolvidos de alguma maneira com o futebol, Atlético e Cruzeiro são, de longe, os clubes mais lembrados e apreciados pelos torcedores de futebol do estado de Minas Gerais.⁸ Além disso, são eles também os clubes mineiros que disputam as principais competições de futebol nacionais e internacionais. De modo que tenho me perguntado, já há algum tempo, por que Atlético e Cruzeiro teriam alcançado a condição de principais forças do futebol mineiro, cabendo ao América o papel de coadjuvante nesse cenário.

Obviamente, não tenho a pretensão aqui de esboçar uma única resposta a essa questão, que, por certo, envolve uma série de fatores e perpassa contextos históricos igualmente diversos. De todo modo, tenho me aventurado a pensar a respeito dela nos últimos anos adotando, dentre outras referências, as considerações formuladas por Arlei Damo acerca do “clubismo” brasileiro.

Como demonstrou o antropólogo gaúcho em questão, os chamados “grandes clubes brasileiros” “[...] não tem grandes torcidas porque são grandes mas, de modo inverso, são grandes à medida que conseguem mobilizar extenso contingente de pessoas e isto se deve, principalmente, à existência de fortes rivalidades entre eles.” (DAMO, 2002, p. 14) Essas rivalidades, por sua vez, poderiam ser entendidas “como formas de identificação por assimetria”, produzidas “por meio de disputas” simbólicas, também denominadas por Damo (2014, p. 42-43) como “lutas por reconhecimento” dos clubes, travadas tanto “no campo de jogo” quanto “no âmbito da gestão política, administrativa e afetiva dessas instituições.” E, como toda luta que se preze, as lutas dos clubes por reconhecimento “não exist[iriam] sem alguma modalidade de circunscrição”,

⁷ Ver também artigo publicado por Arlei Damo em co-autoria com Bernardo Ferreira (2012).

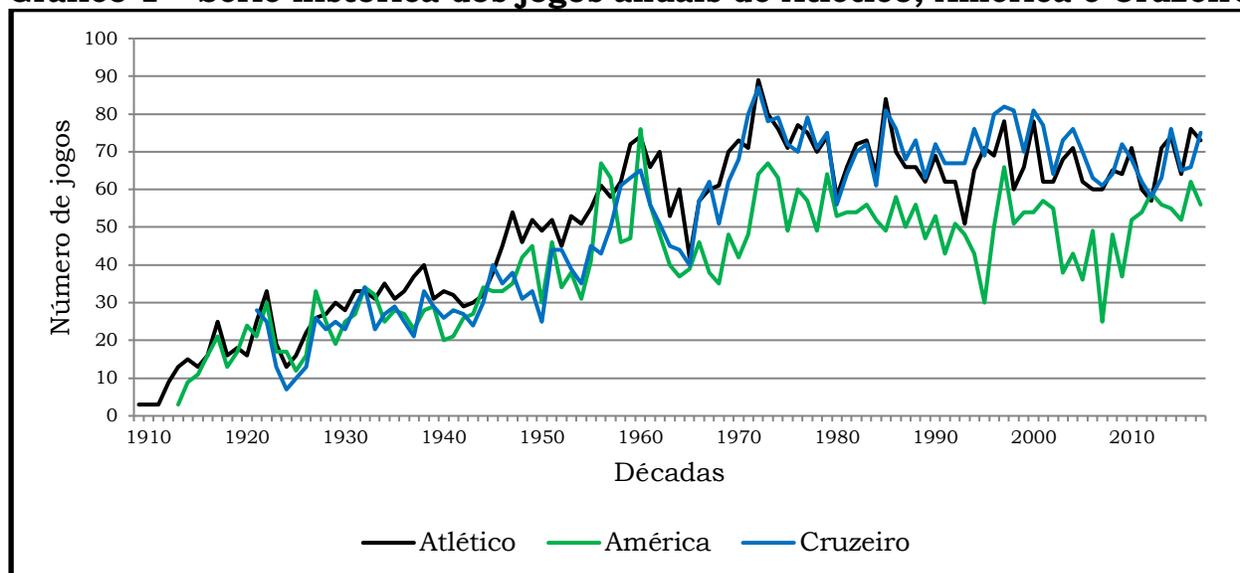
⁸ Ver a esse respeito as pesquisas de opinião sobre as torcidas de futebol de Minas Gerais realizadas nas últimas quatro décadas. Cf. PINHEIRO, Marco Antônio Henriques. *Pesquisas sobre torcidas em Minas Gerais*. RSSF; RSSF BRASIL, 26 jul. 2015. Disponível em: <goo.gl/i8nQnc>. Acesso em: 21 mar. 2018.

ou, em outras palavras, sem a existência de uma fronteira física, geográfica, mas também cultural, política e econômica.

Esse “trabalho de circunscrição prática e simbólica dessas fronteiras”, promotor de hierarquias entre os clubes, seria realizado, dentre outros fatores, pelos “circuitos clubísticos” ou “das disputas futebolísticas”. Em linhas gerais, poderíamos dizer que essas hierarquias dos “circuitos clubísticos” advêm do *status* investido em cada uma das disputas futebolísticas (DAMO, 2014, p. 43), já que um jogo ou uma competição inclui ou exclui seus participantes ao serem: disputados por equipes profissionais ou amadoras; possuírem abrangência local, estadual, regional, nacional ou internacional; serem segmentados por divisões, séries ou módulos; serem agenciados ou reconhecidos por uma entidade filiada à Federação Internacional de Futebol *Association* (Fifa) ou a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

É justamente nesse ponto que os trabalhos de compilação de informações técnicas de jogos e de produção de estatísticas de futebol serviriam como uma fonte valiosa para o problema de pesquisa ao qual tenho me debruçado. Isso porque, através deles, poderíamos apreciar anualmente, dentre outras informações, o número de jogos de futebol já disputados por um clube, qual o *status* desses confrontos – se válidos ou não por uma competição – e a origem de seus adversários. Informações que nos possibilitaria identificar, por exemplo, alguns marcos históricos reveladores da integração de Atlético e Cruzeiro à elite do futebol nacional e da inserção periférica do América nesse mesmo “circuito futebolístico” brasileiro. Vejamos porquê.

Considerando a série histórica de jogos anuais disputados por esses três clubes belo-horizontinos, sistematizada no Gráfico 1, poderíamos pensar que nas primeiras seis décadas do século XX, o “circuito de disputas futebolísticas” americano, atleticano e cruzeirense diferiu muito pouco. Durante esse período, o número de jogos realizados anualmente por eles, por exemplo, seguiu uma tendência semelhante, de paulatina ascensão, desde meados dos anos 1910, quando esses clubes realizavam cerca de 20 confrontos anuais, até o final dos anos 1950, momento que essa média subiu para aproximadamente 60 jogos. Também durante esses anos, as competições disputadas por eles restringiam-se, grosso modo, ao campeonato “oficial”, organizado pela entidade gestora dos esportes no estado, popularmente conhecido como Campeonato Mineiro, e a alguns jogos amistosos aleatórios, que eventualmente davam titulações e premiações aos participantes e que podiam ou não serem patrocinados por algum estabelecimento comercial ou grupo político.

Gráfico 1 – Série histórica dos jogos anuais de Atlético, América e Cruzeiro

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos de *Futebol80*⁹.

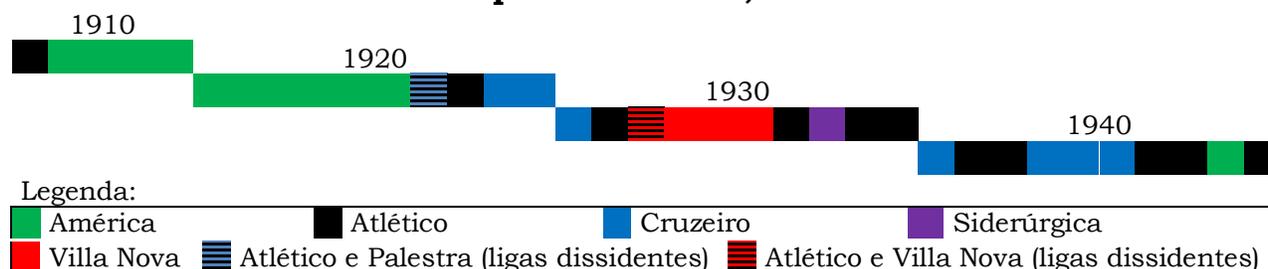
Apesar desse movimento ascensional coletivo, já no final dos anos 1930 é possível identificar uma ligeira diferenciação nesse total de jogos anuais disputados por esses três clubes belo-horizontinos, especialmente em função da pequena vantagem atleticana nesse quantitativo de jogos em relação ao América e ao Cruzeiro. Essa situação de diferenciação coincide com o momento em que a equipe atleticana registrou, pela primeira vez, a marca de 40 jogos disputados ao ano; marca que não deve ser vista como uma mera curiosidade da história do futebol na capital mineira.

Como muito bem asseverou Arlei Damo (2014, p. 46), se distribuirmos esses 40 jogos ao ano, teremos algo próximo a “um [jogo] em cada final de semana, descontados os recessos, que eram mais longos do que no presente.” Ao se estabilizar na casa das quatro dezenas de jogos na década de 40, o Atlético conseguiu, ao menos em tese, manter seu time de futebol em atividade durante todo o ano a partir de então, viabilizando, assim, a remuneração de seus jogadores como trabalhadores. Digo em tese porque, evidentemente, essa divisão de jogos pelos dias do ano é arbitraria. Um clube, por exemplo, poderia disputar 40 jogos em um ou dois meses e ficar o restante do ano inativo. De modo que devemos considerar essa uma hipótese a ser confirmada e, não necessariamente, um dado estatístico. Mesmo assim, contribui para atestar essa hipótese o fato de que o Atlético foi o primeiro clube belo-horizontino a conquistar, em 1936, o campeonato profissional organizado desde 1933 pela entidade reguladora dos esportes em Minas Gerais. Especificamente em 1938,

⁹ Para os jogos do América, ver: *América-MG. Futebol80*, s/d. Disponível em: <goo.gl/4K9pUE>. Acesso em: 23 mar. 2018. Para os jogos do Atlético, ver: *Atlético-MG. Futebol80*, s/d. Disponível em: <goo.gl/HiyRLS>. Acesso em: 23 mar. 2018. Para os jogos do Cruzeiro, ver: *Cruzeiro. Futebol80*, s/d. Disponível em: <goo.gl/cM737A>. Acesso em: 23 mar. 2018.

ano em que o clube registrou pela primeira vez quatro dezenas de partidas anuais, a equipe atleticana repetiu o feito de 1936, desta feita, de maneira invicta.

Gráfico 2 – Campeões mineiros, anos 1910 e 1940



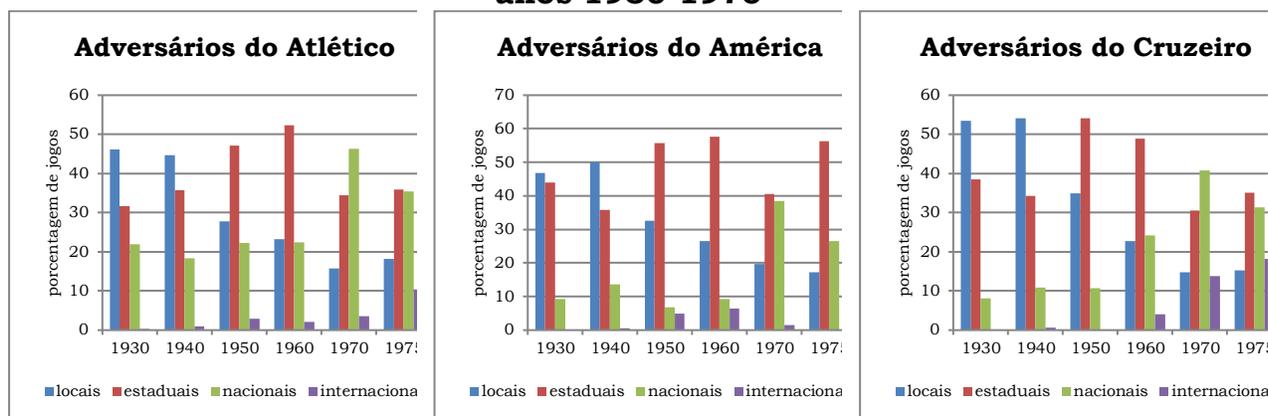
Fonte: Elaborados pelo autor com dados extraídos de *RSSSF Brasil*¹⁰.

Esse primeiro movimento de diferenciação dos jogos anuais realizados pelos clubes da capital mineira deve ainda ser acrescido de mais uma importante informação relacionada ao “circuito clubístico” atleticano nesse contexto. Considerando agora o Gráfico 3, que sistematiza os adversários dos clubes belo-horizontinos entre os anos 1930 e 1970 segundo suas localidades de origem, constatamos que, também a partir desse contexto, cerca de 20% dos jogos anuais atleticanos era disputado contra adversários provenientes de fora do estado de Minas Gerais, evidenciando, assim, uma incipiente e pioneira projeção nacional do clube. Um marco inaugural nesse sentido aconteceu em 1937, ano em que o Atlético disputou e venceu uma das primeiras competições profissionais interclubes de abrangência regional, concorrida pelos campeões do Distrito Federal, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, apropriadamente intitulada de Copa dos Campeões. Nesse mesmo sentido, e ainda em 1937, o Atlético disputou o Torneio Aberto do Rio de Janeiro contra o América, o Barroso, o Bonsucesso, o Carbonífera, o Flor das Selvas e a Portuguesa, todos eles cariocas.

Enquanto isso, Cruzeiro e América só alcançaram pontualmente a marca dos 40 jogos anuais na segunda metade dos anos 1940, ou mais precisamente em 1945 e 1948, respectivamente. Esses anos, aliás, também foram representativos para esses clubes do ponto de vista do desempenho de suas equipes nas competições disputadas (ver Gráfico 2). Em 1945, por exemplo, o Cruzeiro conquistou o seu quarto título, e o terceiro consecutivo, na competição de futebol profissional organizada pela entidade reguladora dos esportes em Minas Gerais. E, em 1948, o América venceu pela primeira vez essa mesma competição, encerrando um “jejum” de mais de duas décadas sem conquistar o campeonato “oficial”; interregno de títulos que, diga-se de passagem, é o maior dentre os três clubes da capital mineira.

¹⁰ DIOGO, Julio Bovi; FREATI, Claudio. *Minas Gerais State – List of Champions*. RSSSF Brasil, Resultados Históricos, Campeonatos Estaduais, Estados da Região Sudeste, Minas Gerais, 07 maio 2017. Disponível em: <goo.gl/JPzz3F>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Gráfico 3 – Local de origem dos adversários dos clubes belo-horizontinos, anos 1930-1970



Fonte: Elaborados pelo autor com dados extraídos de *Futebol80*¹¹.

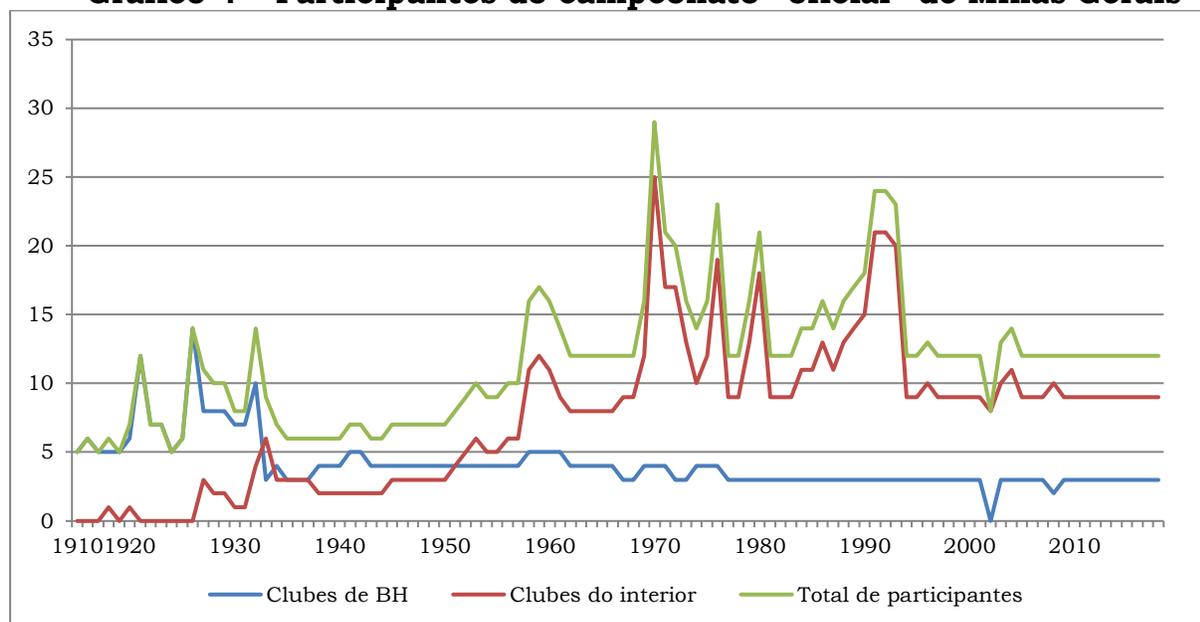
Essa marca dos 40 jogos anuais, alcançada de maneira estável por americanos e cruzeirenses, relaciona-se, por sua vez, à consolidação de um “circuito futebolístico” de abrangência estadual disputado pelos clubes belo-horizontinos. “Circuito” esse que, apesar de já estar delineado desde os anos 1930, como evidencia o elevado percentual de jogos disputados por América, Atlético e Cruzeiro contra clubes do interior do estado (ver Gráfico 3), foi, em grande medida, resultado de um imperativo institucional. Digo isso porque, no final dos anos 1950 a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) exigiu que as federações estaduais de futebol designassem um representante para compor a Taça Brasil, primeira competição interclubes de futebol de abrangência nacional disputada no país. A criação dessa Taça em 1959, disputada em fases regionalizadas e em formato eliminatório, respondia, por sua vez, a demanda da entidade nacional de indicar um clube para representar o Brasil na Taça Libertadores da América, competição sul-americana interclubes agenciada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) (CUNHA, 2011). Por isso, poderíamos ainda dizer que a institucionalização de um “circuito das disputas futebolísticas” de abrangência estadual vivenciado por América, Atlético e Cruzeiro nos anos 1950 funcionou como uma espécie de prerrogativa para os primeiros ensaios institucionais de um “circuito de disputas” de abrangência nacional nos anos 1960 e 1970.

Diante desse cenário, pela primeira vez na história o Campeonato Mineiro, organizado pela Federação Mineira de Futebol (FMF), contou com mais de 15 clubes, sendo quase 70% deles sediados no interior do estado (ver Gráfico 4), evidenciando uma tentativa dessa entidade de tornar a competição uma disputa de abrangência verdadeiramente estadual. Vale mencionar, nesse sentido, que essa representação dos clubes do interior no Campeonato Mineiro

¹¹ Ver nota de rodapé 9.

inaugurada em 1958 muito se assemelha, proporcionalmente, a atualmente praticada.

Gráfico 4 – Participantes do campeonato “oficial” de Minas Gerais



Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos de *RSSSF Brasil*¹².

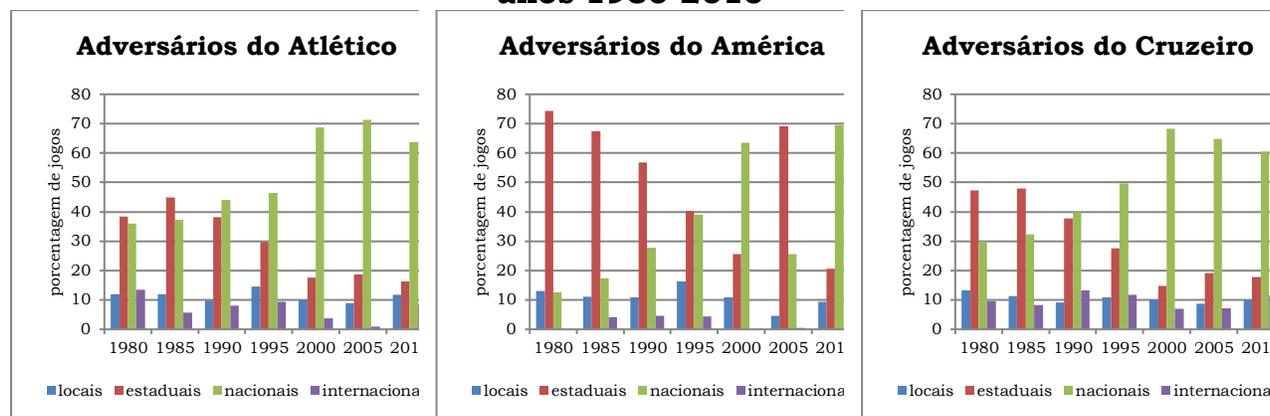
Apesar do ligeiro protagonismo atleticano nessa primeira metade do século XX, é justamente nessas duas últimas décadas que a disparidade entre o “circuito futebolístico” americano e o atleticano e cruzeirense tornou-se evidente, sendo apenas ratificada nos anos seguintes. Ali, Atlético e Cruzeiro assumiram a condição de clubes belo-horizontinos que mais vezes jogavam: ao ano (Gráfico 1); contra equipes de fora do estado (ver Gráfico 3 e Gráfico 5); e nas principais competições organizadas pela entidade gestora dos esportes no país. Nesse mesmo contexto, o “circuito futebolístico” americano registrou, pela primeira vez, um movimento oscilatório que se tornou frequente em sua história, caracterizado ora por aproximações pontuais, ora por longos momentos de distanciamento com o “circuito” concorrido por atleticanos e cruzeirenses.

A partir dos anos 1970, o número de jogos realizados anualmente pelo América, por exemplo, alcançou uma relativa estabilidade. Como nos mostra mais uma vez o Gráfico 1, durante a maior parte dessa década, a equipe americana de futebol realizou cerca de 50 partidas ao ano, se aproximando, em momentos pontuais, da casa das seis dezenas de jogos; média alcançada, nessa mesma ocasião, pelo Atlético e o Cruzeiro. Apesar disso, nos anos 1960, 1990 e

¹² FRANCO JÚNIOR, Carlos Alberto; FREATI, Claudio. *Minas Gerais State League – List of Participants*. RSSSF Brasil, Resultados Históricos, Campeonatos Estaduais, Estados da Região Sudeste, Minas Gerais, 14 maio 2017. Disponível em: <goo.gl/4bESBr>. Acesso em: 30 mar. 2018.

2000, o número de jogos anuais realizados pelo América ficou abaixo da marca das quatro dezenas, retomando uma realidade comum no futebol belo-horizontino durante a primeira metade do século XX; o que, se considerarmos mais uma vez os comentários de Arlei Damo (2014, p. 46), poderia ser visto como um indicativo de crise no funcionamento do próprio profissionalismo de sua equipe de futebol.

Gráfico 5 – Local de origem dos adversários dos clubes belo-horizontinos, anos 1980-2010



Fonte: Elaborados pelo autor com dados extraídos de *Futebol80*¹³.

Essa oscilação no quantitativo de jogos anualmente disputados pelo América assoma-se ainda à instabilidade das fronteiras geográficas de suas disputas futebolísticas após a década de 1960. Como evidenciam os Gráfico 3 e Gráfico 5, que sistematizam a origem dos adversários dos clubes belo-horizontinos ao longo dos anos, durante os anos 1960 aos 1980, e também em parte das décadas de 1990 e 2000, cerca de 70% dos adversários americanos eram provenientes de Minas Gerais. Números que contrastam fortemente com aqueles verificados para os jogos atleticanos e cruzeirenses, já que, a partir dos anos 1970, essa dupla disputou quase 40% de suas partidas contra equipes de fora do estado; porcentagem que subiu para aproximadamente 50% e 70%, respectivamente, nos anos 1990 e 2000.

Boa parte desse movimento oscilatório americano relaciona-se, por sua vez, à sua participação intermitente na principal competição nacional interclubes. A esse respeito bastaria dizer que, desde 1959, ano de criação da Taça Brasil, o América esteve presente na elite do futebol nacional¹⁴ em menos

¹³ Ver nota de rodapé 9.

¹⁴ Convencionou-se chamar de elite do futebol nacional os clubes participantes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro, que, desde os anos 2000 é oficialmente intitulada “Série A”. Embora um protótipo de segunda divisão do campeonato nacional só tenha sido disputado pela primeira vez em 1968, para simplificar a ilustração a que me propus, chamo a Taça Brasil (1959-1968) e a Taça de Prata (1967-1970) de primeira divisão já que, nesse contexto, essas eram as únicas, ou as principais, competições de futebol interclubes a nível nacional. Cf. DIOGO, Julio Bovi; PONTES, Ricardo F. F.. *Brazil – Second Division Champions*. RSSSF Brasil,

de 25% das competições disputadas. Além disso, em cinco ocasiões (1990, 2005, 2006, 2008 e 2009) o América chegou a disputar a terceira divisão nacional e, em 2006 foi rebaixado à segunda divisão estadual.

Em contrapartida, Atlético e Cruzeiro tornaram-se os únicos mineiros participantes de um seletivo grupo de 12 clubes brasileiros que estiveram presentes em mais de 80% das principais disputas nacionais interclubes de 1959 até 2017, formado por: Grêmio (58 participações); Cruzeiro e Santos (57 participações); Atlético e Palmeiras (54 participações); Botafogo (53 participações); Flamengo (52 participações); Fluminense e Internacional (51 participações); São Paulo e Vasco da Gama (50 participações); Corinthians (49 participações). Todos eles campeões nacionais em ao menos uma oportunidade, sendo, especificamente, quatro títulos do Cruzeiro (1966, 2003, 2013 e 2014) e um do Atlético (1971).¹⁵

Uma das pistas centrais para explicar a inserção diferenciada de América, Atlético e Cruzeiro nesse “circuito de disputas futebolísticas” de abrangência nacional pode ser encontrada analisando-se os critérios utilizados para a seleção dos participantes nessas competições. Como já adiantei anteriormente, entre 1959 e 1968 as federações estaduais de futebol normalmente designavam os campeões estaduais para participarem da Taça Brasil. Nesse sentido, o Cruzeiro, tricampeão estadual entre 1959 e 1961, e pentacampeão entre 1965 e 1969, tornou-se o principal representante mineiro na competição, tendo, inclusive, conquistado-a em 1966, vencendo na final o Santos de Pelé e companhia. O Atlético, campeão estadual em 1958, 1962 e 1963, foi o segundo mineiro com o maior número de participações na Taça. Enquanto o América, que amargou um “jejum” de conquistas estaduais entre 1958 e 1970, sequer conseguiu se habilitar para a disputa dessa primeira competição nacional interclubes.

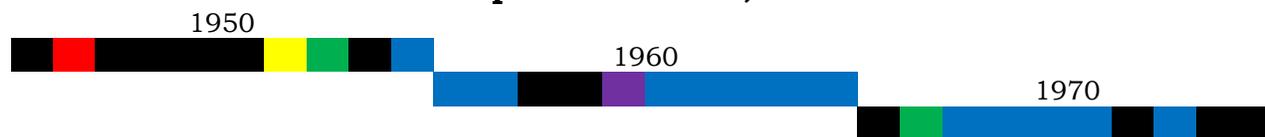
Já em 1967, a CBD criou “o que poderia ser tido como o mais acabado embrião do campeonato brasileiro: o Torneio Roberto Gomes Pedrosa (o ‘Robertão’ ou Taça de Prata)” (FERREIRA, 2013, p. 21), que, por suas características, precipitou o fim da Taça Brasil, disputada ainda por mais dois anos, em 1967 e 1968. Dentre as principais características do Robertão, e do Campeonato Brasileiro que o substituiu em 1971, destaca-se: a permissão de mais de um clube de um mesmo estado poder concorrer ao título de campeão brasileiro; e o seu formato de disputa, composto por uma fase preliminar de pontos corridos, portanto mais longa, e uma fase final “mata-mata”,

Resultados Históricos, Campeonato Brasileiro, 27 dez. 2015. Disponível em: <goo.gl/hQ1pSA>. Acesso em: 04 abr. 2018. Não raras vezes, essa mesma expressão – elite do futebol – também é usada para definir os clubes participantes da primeira divisão do campeonato estadual, cujo nome oficial em Minas Gerais é Módulo I.

¹⁵ Vale mencionar que apenas cinco clubes não figurantes dessa relação de mais assíduos conquistaram o campeonato nacional durante todo esse período. São eles o Bahia (1959-1988), o Guarani (1978), o Coritiba (1985), o Sport (1987) e o Atlético Paranaense (2001). O título do Sport, diga-se de passagem, é envolto em uma forte polêmica com o Flamengo, que também se considera campeão brasileiro de 1987. Sobre o Campeonato Brasileiro de 1987, ver: HELAL (2011).

favorecendo, assim, a profissionalização, espetacularização e integração nacional dos clubes participantes.

Gráfico 6 – Campeões mineiros, anos 1950 e 1970



Legenda:

Amarelo	Atlético e Cruzeiro (STJD)	Verde	América	Preto	Atlético	Azul	Cruzeiro	Roxo	Siderúrgica	Vermelho	Villa Nova
---------	----------------------------	-------	---------	-------	----------	------	----------	------	-------------	----------	------------

Fonte: Elaborados pelo autor com dados extraídos de *RSSSF Brasil*¹⁶.

Mas, ao contrário da Taça Brasil, a seleção dos clubes participantes do principal campeonato nacional interclubes entre 1967 e os anos 1980, variando em suas denominações, nem sempre respeitou critérios técnicos objetivos. Se durante esse período a CBD, que em 1979 se tornou uma entidade especializada em futebol (CBF), também convidava para a competição nacional os campeões estaduais, não raras vezes essa seleção envolvia ainda a capacidade de mobilização popular dos clubes, o fato de serem sediados em cidades com estádios de grande porte e o “poder político dos seus dirigentes [que pudessem servir] como ‘moeda de troca’ em termos de dividendos políticos”. (FERREIRA, 2013, p. 25)

Muito embora tivesse à sua disposição um dos maiores palcos do futebol nacional, o Estádio Estadual Magalhães Pinto, popularmente conhecido como Mineirão, e contasse com forte apoio político no estado, o América só conseguiu se inserir no campeonato brasileiro em 1971 após realizar um alto investimento em seu plantel, sagrando-se campeão mineiro invicto daquele ano e tendo seu atacante, Jair Bala, como artilheiro da competição (Cf. MOREIRA, 2017, p. 117-163). Apesar disso, a participação americana na competição seria constantemente ameaçada nos anos seguintes muito em função da baixa presença de público e, conseqüentemente, da fraca arrecadação de bilheteria em seus jogos.¹⁷ Por isso, quando a CBF decidiu recriar a segunda divisão nacional em 1980 após sete anos sem promovê-la, o América foi relegado a ela em função de seu fraco apelo popular (Cf. MOREIRA, 2017, p. 117-163), cabendo apenas a Atlético e Cruzeiro a prerrogativa de representar o estado na principal competição brasileira interclubes de futebol, consolidando, assim, a primazia dessa rivalidade.

Considerações finais

Desde princípios dos anos 2000, um conjunto de pesquisadores britânicos tem procurado demonstrar a contribuição das estatísticas para se

¹⁶ Ver nota de rodapé 10.

¹⁷ Ver a esse respeito matéria da revista *Placar* de 1975: CARVALHO, Sérgio A.. Era uma vez um grande. *Placar*, São Paulo, nº 300, p. 70, 26 dez. 1975.

escrever as Histórias do Esporte naquele país. Em um interessante “apelo por mais histórias quantitativas dos esportes”, Wray Vamplew (2016), um dos expoentes desse grupo, fez sua defesa em relação a essa abordagem historiográfica, sustentando que os números devem ser considerados como fontes de pesquisa importantes, porque através deles, poderíamos, dentre outras análises, realizar comparações mais eficazes, testar hipóteses, fortalecer os argumentos de cunho histórico e construir análises mais generalizantes. É nesse sentido, por exemplo, que interessantes pesquisas britânicas tem se ocupado do calendário das corridas de cavalo, demonstrando, por exemplo, sua enorme popularidade na virada dos séculos XIX para o XX.

Apesar disso, ao que me parece, esse tipo de abordagem ainda permanece muito pouco explorada nas Ciências Humanas brasileiras, em especial, nos estudos que abordam o futebol. Foi pensando nesse cenário que, no presente artigo, tentei demonstrar como as estatísticas de futebol podem servir como uma relevante fonte para as pesquisas de Ciências Humanas que se ocupam dessa modalidade esportiva. Mas, para alcançar esse objetivo, tive que apreciar essas estatísticas a partir de aportes teóricos próprios e questões relativas aos contextos históricos analisados. Do contrário, elas apareceriam apenas como informações subsidiárias e ilustrativas, ou como meras curiosidades da história do futebol brasileiro.

Foi nesse sentido, portanto, que fiz a opção por pensar como essas estatísticas poderiam ser úteis para investigar a história dos “circuitos clubísticos” belo-horizontinos; noção cunhada pelo antropólogo gaúcho Arlei Damo para discutir, dentre outros aspectos, a distribuição hierárquica dos “clubismos” no Brasil. Através desse referencial teórico, constatee, em linhas gerais, que o futebol belo-horizontino encaminhou-se no sentido da profissionalização e espetacularização ao longo da primeira metade do século XX. Nesse contexto, o Atlético, em comparação com América e Cruzeiro, assumiu um ligeiro protagonismo – ou pioneirismo, se preferirem –, expandindo, principalmente, as fronteiras geográficas de seus confrontos. Já, nos anos 1960 e 1970, Atlético e Cruzeiro despontaram como principais representantes mineiros de um “circuito de disputas futebolísticas” de abrangência nacional, relegando ao América a condição de coadjuvante nesse cenário.

Considerando os critérios institucionais de seleção dos clubes nas principais competições nacionais de futebol, concluí ainda que a baixa capacidade de mobilização popular americana, se comparado ao Atlético e Cruzeiro, foi um dos principais entraves enfrentados pelo América para sua integração nesse emergente “circuito de disputas futebolísticas” de abrangência nacional. “Circuito” este que, em alguma medida, estabeleceu as bases do que convencionou-se chamar de elite do futebol brasileiro.

De antemão, poderíamos pensar que, naquela ocasião, a posição secundária do América em relação à adesão afetiva dos torcedores era fruto de seus vários “ciclo[s] prolongado[s] de maus resultados” (DAMO, 2007, p. 61) no campeonato organizado pela entidade gestora dos esportes em Minas Gerais; competição que, como já deixei registrado, era a principal disputada pelos

clubes belo-horizontinos, pelo menos até o final dos anos 50 quando a Taça Brasil foi então instituída. Todavia, a adesão dos torcedores a um clube não leva em consideração apenas a “visibilidade e *performance*” (DAMO, 2007, p. 61) de sua equipe nas competições disputadas. Mais do que isso, a escolha de um clube para chamar de seu envolve, dentre outros aspectos, “operações simbólicas de demarcação de fronteiras, de classificações, divisões e segmentações diversas” que, embora esteja “circunscrit[o] ao universo esportivo”, também extrapolam o campo de jogo, dialogando com categorias sociais consagradas pela sociedade brasileira, como, por exemplo, raça, etnia, classe social, gênero, territorialidade urbana e orientação política. (DAMO, 2007, p. 66) Na maior parte das vezes, essas representações simbólicas são atualizadas pública e cotidianamente, nos intermináveis debates travados entre os torcedores, nas crônicas esportivas, nos filmes, livros e revistas sobre futebol, momento em que também são (re)criadas e (re)contadas as anedotas, alegorias, memórias, mitologias e tradições clubísticas.

Por isso, poderíamos intuir que essa “numeralha” – para usar um neologismo referente às estatísticas de futebol consagrado pela revista *Placar* – não seria a fonte mais propícia para investigar essas representações simbólicas clubísticas. Entretanto, não raras vezes, esses trabalhos não se limitam a compilar informações técnicas de jogos e a produzir estatísticas de futebol. Em vários momentos, por exemplo, as informações por eles sistematizadas também são acompanhadas de diversos comentários relacionados à história dos jogos e do próprio futebol brasileiro. Comentários que dialogam, seja no sentido de revisitar ou de refutar, com um conjunto de narrativas memorialísticas do futebol belo-horizontino responsável por criar e sedimentar algumas das principais representações simbólicas clubísticas locais. Mas esse, acredito eu, é assunto para outro texto.

Agradeço aos amigos da Escola Pés no Chão: Adeliana Seabra, pelas traduções; e Conrado Galdino, que, apesar de reptologista, me deu valiosas aulas de estatísticas. Agradeço também as contribuições do colegas do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA), da Faculdade de Letras da UFMG.

Referências

ARRUDA, Marcelo Leme de. *Poisson, Bayes, Futebol e DeFinetti*. 2000. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estatística) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato Carioca: 96 Anos de História*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.

CUNHA, Odir. *Dossiê – Unificação dos títulos brasileiros a partir de 1959*. Rio de Janeiro: [edição do autor], 2011.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 2002. (Coleção Academia; Série Humanas).

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades – As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In.: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 23-55.

DAMO, Arlei Sander; FERREIRA, Bernardo Saraiva. No tempo das excursões – o circuito clubístico porto-alegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX. *Revista de História Regional*, Curitiba, vol. 17, n. 2, p. 378-411, 2012.

ECO, Umberto. A falação esportiva. In: _____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.220-226.

FERREIRA, Daniel Vinicius. *Visões de um jogo e o jogo das visões: as condicionantes para a vitória do Coritiba Foot Ball Club no Campeonato Brasileiro de 1985*. 2013. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

HELAL, Ronaldo. O hexa do Flamengo e o dilema brasileiro. *Ludopédio*, Arquibancada, vol. 21, 11 mar. 2011. Disponível em: <goo.gl/dlzqPb>. Acesso em: 01 maio 2017.

MELO, Victor Andrade de; et. al. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. 192 p. (Coleção Visão de Campo).

MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.

NEPOMUCENO, Francisco de Oliveira. *A importância das estatísticas no resgate da história dos doze mais tradicionais clubes de futebol do Brasil*. 2012. 43 f. Monografia (Pós-Graduação em Comunicação Social) – Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo.

SILVA, Maria Lúcia Soares da; RÚBIO, Kátia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto Alegre, vol. 3, n. 3, p. 69-76, jul./dez. 2003.

RÚBIO, Kátia. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, vol. 18, n. 1, p. 86-91, jan./abr. 2006.

VAMPLEW, Wray. The power of numbers: a plea for more quantitative sports history. *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics, Dossiê – Numbers and Narratives: Sport, History, and Economics*, Londres, vol. 19, n. 3, p. 313-320, abr. 2016.